Por: **Alexandre Mathias** - Estrategista Chefe, **Bruno Benassi** - Analista de Ativos e **Luciano Costa** – Economista Chefe

Destaques na abertura do mercado

Os futuros das bolsas americanas abrem o dia em alta nesta quinta-feira (31) após quedas na sessão anterior, refletindo os ótimos resultados apresentados por Microsoft e Meta — que voltam a trazer para os mercados o trade de IA.

Na tarde de ontem (30) tivemos a decisão de política monetária do Fed, que — apesar de não trazer novidades no Comunicado — trouxe dois votos dissidentes contra a manutenção dos juros no patamar atual e um Jerome Powell mais duro durante seus comentários do que o mercado esperava. Com isso, tivemos uma pequena realização nas bolsas e uma abertura nas curvas de juros.

Mesmo num discurso mais duro, o atual presidente do Fed foi bastante vocal sobre a necessidade de acompanhar os dados de atividade — principalmente emprego — até a próxima reunião para avaliar o estado da economia americana. Se os dados de emprego indicarem uma desaceleração da atividade — o que projetamos — e as expectativas de inflação estiverem ancoradas, o Fed deverá iniciar os cortes de juros. A próxima reunião acontece apenas em setembro e até lá temos duas divulgações de dados de emprego, com a primeira acontecendo na manhã da próxima sexta-feira.

As taxas dos Treasuries norte-americanas operam em queda na manhã de hoje, com as taxas de 10 anos operando em 4,354%; a de dois anos está em 3,93%; e a de 30 anos negocia a 4,88%.

O índice do dólar (DXY) opera próximo da estabilidade aos 99,92 pontos. O índice voltou a ganhar força nos últimos dias após o fechamento dos acordos que parecem favorecer a economia americana.

O ouro à vista opera em alta, cotado a US$3.301,46 por onça. Entre as criptomoedas, o Bitcoin subia 0,54%, negociado a US$118.475,90.

O petróleo opera em queda, com o Brent caindo e sendo cotado a US$72,78 por barril. A commodity apresentou uma alta nos últimos dias após o presidente Donald Trump ter afirmado que está cogitando diminuir o prazo para impor novas sanções à Rússia.

Na Ásia-Pacífico, os mercados encerraram o pregão mistos, com destaque negativo para as bolsas chinesas, que operam em queda após dados econômicos mais fracos.. Na Europa, as bolsas operam mistas, digerindo os resultados corporativos e os impactos das negociações comerciais para o continente.

O Ibovespa encerrou a quarta-feira (30) em alta de 0,95%, aos 133.989 pontos. O dólar à vista fechou em queda de 0,38%, cotado a R$5,5900.

EUA: Na reunião de ontem, O Fed optou por manter a taxa de juros base estável na faixa-alvo de 4,25% a 4,50% a.a. O comunicado trouxe mudanças, com o comitê reconhecendo que os **dados mais recentes sugerem que a economia desacelerou de um ritmo sólido para um crescimento mais moderado no primeiro semestre. O comitê também retirou a menção de que a incerteza vinha diminuindo, mas manteve a avaliação de que ela continua elevada.**

Na entrevista após a decisão, **o presidente do Fed, Jerome Powell, avaliou que as condições atuais da economia, com inflação acima da meta — mesmo desconsiderando os efeitos das tarifas — e mercado de trabalho sólido, justificam a manutenção da política monetária moderadamente restritiva**.

Na próxima página foi **incluída a sessão Monte Bravo Analisa – FOMC com a análise detalhada da decisão e os impactos sobre os investimentos.**

Brasil: O Copom manteve a taxa Selic em 15,00% ao ano, com votação unânime, como era amplamente esperado. No comunicado, o Copom sinalizou que, caso o cenário projetado se confirme, deverá manter a interrupção do ciclo de alta para avaliar com mais clareza os efeitos sobre a economia nas próximas reuniões. **A mensagem principal segue sendo a de uma política monetária contracionista mantida por um período prolongado, afastando a possibilidade de cortes de juros no curto prazo.**

Na última página foi incluída a sessão Monte Bravo Analisa – Copom com a análise detalhada da decisão e os impactos sobre os investimentos.

Brasil: O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assinou nesta quarta-feira uma ordem executiva impondo uma tarifa adicional de 40% sobre produtos brasileiros. Com isso, **a sobretaxa total aplicada aos bens do Brasil chega a 50%, somando-se aos 10% já anunciados em abril. As novas tarifas entram em vigor em 6 de agosto.**

Apesar do aumento expressivo, a medida inclui uma lista extensa de exceções que protege itens estratégicos para a economia americana e importantes para a pauta de exportações do Brasil. **Ficam de fora da nova tarifa produtos como derivados de celulose e petróleo, suco e polpa de laranja, castanha-do-pará, aeronaves civis e peças, alguns fertilizantes, gás natural, carvão, minério de ferro, ferro-gusa, metais preciosos e madeira.**

Ainda assim, **produtos relevantes como café, cacau, carne, frutas, calçados, etanol, açúcar e vestuário não foram poupados e deverão ser taxados.** Como **cerca de 45% das exportações brasileiras foram incluídas na lista de exceções, o impacto econômico deve ser limitado. A expectativa é de uma redução entre 0,1 e 0,2 ponto percentual no crescimento ao longo dos próximos 12 meses, com efeitos inflacionários restritos e temporários em itens alimentícios.**

Preços de Ativos Selecionados[1]

		Cotação	Variação[2]			
		31-jul-25	dia	Mês	2025	12 meses
Renda Fixa	Tesouro EUA 2 anos	3,93	-1	18	-31	-47
	Tesouro EUA 10 anos	4,36	-1	8	-22	18
	Juros Futuros - jan/26	14,92	0	-2	-51	324
	Juros Futuros - jan/31	13,64	3	16	-181	153
	NTN-B 2026	10,11	1	24	210	348
	NTN-B 2050	7,19	-1	15	-27	86
Renda Variável	MSCI Mundo	934	-0,2%	2,1%	11,1%	16,6%
	Shanghai CSI 300	4.076	-1,8%	3,9%	3,6%	20,2%
	Nikkei	41.070	1,0%	2,3%	2,9%	6,8%
	EURO Stoxx	5.388	-0,1%	1,2%	10,0%	11,9%
	S&P 500	6.363	-0,1%	3,1%	8,2%	17,0%
	NASDAQ	21.130	0,1%	4,2%	9,4%	23,2%
	MSCI Emergentes	1.252	0,0%	1,9%	16,5%	16,9%
	IBOV	133.990	1,0%	-2,1%	11,4%	6,2%
	IFIX	3.414	-0,2%	-1,4%	9,5%	1,6%
	S&P 500 Futuro	6.458	1,0%	3,8%	6,8%	12,9%

		Cotação	Variação[2]			
		31-jul-25	dia	Mês	2025	12 meses
Moedas	Cesta de moedas/ US$	99,83	0,0%	2,5%	-8,0%	-4,5%
	Yuan/ US$	7,20	0,0%	0,3%	-1,4%	-0,9%
	Yen/ US$	149,95	0,3%	3,7%	-4,6%	-2,6%
	Euro/US$	1,14	0,3%	-2,4%	10,4%	5,7%
	R$/ US$	5,57	-0,1%	1,5%	-9,8%	-0,7%
	Peso Mex./ US$	18,88	0,6%	0,3%	-8,6%	0,6%
	Peso Chil./ US$	981,85	1,1%	4,3%	-1,3%	3,0%
Commodities & Outros	Petróleo (WTI)	69,5	-0,7%	6,1%	-3,1%	-8,3%
	Cobre	438,8	-21,4%	-13,4%	9,0%	8,0%
	BITCOIN	118.614,4	1,3%	10,7%	26,6%	76,1%
	Minério de ferro	99,2	-0,1%	4,9%	-4,3%	-6,3%
	Ouro	3.307,9	1,0%	1,0%	26,0%	38,7%
	Volat. S&P (VIX)	14,9	-3,5%	-8,5%	-13,9%	-10,0%
	Volat. Tesouro EUA (MOVE)	81,9	-3,7%	-6,9%	-17,1%	-18,5%
	ETF Ações BR em US$ (EWZ)	26,9	0,4%	-4,5%	19,4%	-2,6%
	Frete marítimo	1.995,0	-5,4%	31,2%	100,1%	13,2%

(1) Cotações tomadas às 8h BRT trazem o fechamento do dia dos ativos asiáticos, o mercado ainda aberto para ativos europeus e futuros e o fechamento do dia anterior para os ativos das Américas.

Fonte: Bloomberg.

(2) Ativos de renda fixa apresentam a variação em pontos-base (p.b.), esta é a forma como o mercado expressa variações percentuais em taxas de juros e spreads. O ponto-base é igual a 0,01% ou 0,0001 em termos decimais. Os demais ativos mostram a variação em percentual.

Indicadores de hoje

	País	Evento	Ref.	Esperado	Efetivo	Anterior
9:00	BZ	Taxa de desemprego nacional	Jun	6.0%		6.2%
9:30	US	PCE M/M	Jun	0.3%		0.1%
9:30	US	PCE A/A	Jun	2.5%		2.3%
9:30	US	Núcleo PCE M/M	Jun	0.3%		0.2%
9:30	US	Núcleo PCE A/A	Jun	2.7%		2.7%
22:45	CH	PMI Caixin industrial	Jul	50.2		50.4

Indicadores do dia anterior

	País	Evento	Ref.	Esperado	Efetivo	Anterior
8:00	BZ	IGP-M M/M	Jul	-0.89%	-0.77%	-1.67%
9:15	US	ADP Variação setor empregos	Jul	80k	104k	-33k
9:30	US	PIB anualizado T/T	2Q A	2.4%	3.0%	-0.5%
15:00	US	Decisão taxa FOMC	30/jul	4.5%	4.5%	4.5%
18:30	BZ	Taxa Selic	30/jul	15.0%	15.0%	15.0%
22:30	CH	PMI industrial	Jul	49.7	49.3	49.7
22:30	CH	PMI serviços	Jul	50.3	50.1	50.5

IMPORTANTE: A Monte Bravo Corretora de Valores Mobiliários S.A. ("Monte Bravo") é uma instituição financeira autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil. Esta mensagem e eventuais anexos podem conter informações confidenciais destinadas a indivíduo e propósito específico, sendo protegidos por lei. Caso você não seja o destinatário ou pessoa autorizada a recebê-la, por favor, avise imediatamente o remetente e, em seguida, apague o e-mail. É terminantemente proibida a utilização, cópia ou divulgação não autorizada das informações presentes nesse informe. As informações nele contidas e em seus eventuais anexos são de responsabilidade do seu autor, não representando necessariamente ideias, opiniões, pensamentos ou qualquer forma de posicionamento por parte da Monte Bravo. Por fim, é imprescindível que o destinatário verifique este e-mail e todos os anexos em busca de possíveis vírus. A empresa/remetente não assume responsabilidade por quaisquer danos decorrentes da transmissão de vírus através deste e-mail.

Por: **Alexandre Mathias** - Estrategista Chefe, **Bruno Benassi** - Analista de Ativos e **Luciano Costa** – Economista Chefe

Fed mantém taxa de juros em 4,50% a.a. e comunicado cita moderação no ritmo da atividade no primeiro semestre

O **FOMC optou por manter a taxa dos Fed Funds — juros base dos EUA — estável** na faixa-alvo de 4,25% a 4,50% ao ano.

O comunicado trouxe mudanças. O comitê reconheceu que as variações nas exportações líquidas continuam impactando os dados de atividade. No entanto, os dados mais recentes sugerem que a economia desacelerou de um ritmo sólido para um crescimento mais moderado no primeiro semestre. O FOMC também retirou a menção de que a incerteza vinha diminuindo, mas manteve a avaliação de que ela continua elevada.

Atividade: a despeito da oscilação das exportações líquidas nos dados recentes, a atividade moderou no 1° semestre.

Mercado de Trabalho: a taxa de desemprego permanece baixa, e as condições do mercado de trabalho permanecem sólidas.

Inflação: permanece um pouco elevada.

Balanço de Riscos: as incertezas em torno do cenário econômico permanecem elevadas.

Orientação para o futuro: a extensão e o momento dos ajustes adicionais para a taxa básica de juros dependerá da avaliação cuidadosa dos próximos dados, da evolução do cenário e do balanço de riscos.

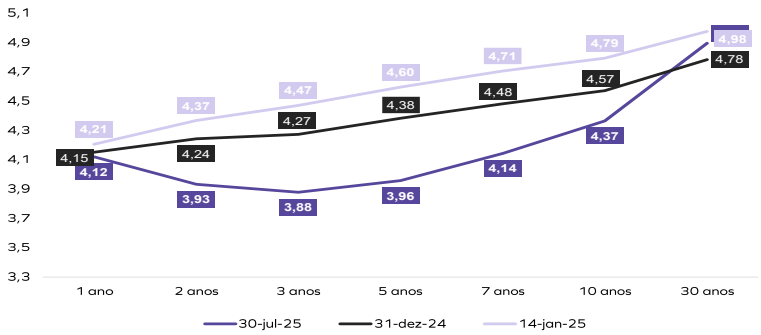
Entrevista: o presidente do Fed, Jerome Powell, avaliou que as condições atuais da economia com inflação acima da meta — mesmo desconsiderando os efeitos das tarifas — e um mercado de trabalho que continua sólido justificam a manutenção da política monetária moderadamente restritiva. "As condições financeiras estão acomodatícias e a economia não está dando sinais de que está sendo restringida de forma inadequada pela política atual. Ou seja, para mim e para quase todo o Comitê, a economia não está sendo prejudicada de forma excessiva pela política atual. Portanto, uma postura moderadamente restritiva parece apropriada", apontou Powell.

Por outro lado, **Powell disse que há riscos de enfraquecimento do mercado de trabalho.** Até a próxima reunião do Fed, em setembro, haverá divulgação de dois relatórios de emprego, **que — na nossa visão — indicarão que o mercado de trabalho está enfraquecendo, levando o Fed a retomar o ciclo de corte de juros na próxima reunião.**

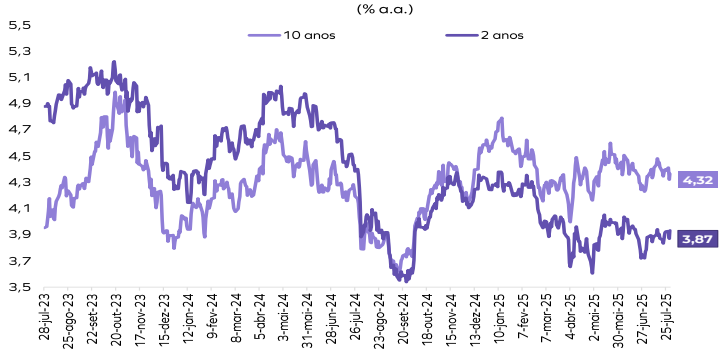
Com relação à inflação, Powell avaliou que "acreditamos que esses são choques (tarifas) de preço pontuais. Nosso papel é impedir que isso se transforme em inflação persistente. Queremos agir de forma eficiente — nem cedo demais, nem tarde demais. Se agirmos cedo, talvez precisemos voltar atrás; se for tarde demais, podemos prejudicar o mercado de trabalho", explicou.

A entrevista trouxe um discurso um pouco mais duro do que imaginávamos. Porém, ao citar o risco de enfraquecimento do mercado de trabalho como um fator a ser monitorado até a próxima reunião, há uma assimetria na reação do Fed nesse momento. Considerando que a expectativa já é uma elevação da inflação de bens devido às tarifas nos próximos meses, a confirmação do enfraquecimento do mercado de trabalho terá um peso grande na decisão — em especial — se o choque de tarifas estiver se mostrando temporário na inflação.

EUA - Estrutura a Termo - Treasuries
(% a.a.)



Treasuries 2 e 10 anos
(% a.a.)



O que isso implica para os mercados de ativos

O Fed, banco central dos EUA, manteve a taxa de juros inalteradas, conforme esperado. O comunicado mostra que o ritmo da atividade econômica moderou no primeiro semestre e que o mercado de trabalho acomodou, mas segue robusto. Enquanto isso, a inflação declinou antes do efeito das tarifas, porém continua acima da meta, ao passo que a incerteza segue elevada.

Na entrevista, o presidente do Fed Jerome Powell afirmou que o BC americano decidiu manter a taxa básica inalterada em um nível "moderadamente restritivo", considerando que a inflação ainda está acima da meta e o mercado de trabalho permanece sólido.

"Embora haja riscos de baixa no mercado de trabalho, ainda é cedo para definir se haverá corte de juros em setembro", afirmou Powell, o que foi lido como um discurso mais duro. A decisão dependerá dos próximos dados de emprego e inflação — serão divulgados dois relatórios completos antes da próxima reunião.

Acreditamos que o Fed deve observar o impacto das tarifas. No entanto, se as expectativas de inflação permanecerem ancoradas, a desaceleração do mercado de trabalho permitirá que o Fed volte a cortar os juros a partir de setembro, com três cortes de 25 pontos base até o final do ano.

Mantemos uma avaliação positiva da performance dos ativos quando consideramos que o cenário de corte de juros pelo Fed seja confirmado.

O CDI projetado de 14,0% para os próximos 12 meses resulta em uma taxa de juros real de 8,7% ante um IPCA de 4,9%.

Nesse contexto, a recomendação segue de um portfólio com perfil diversificado, com uma parcela relevante exposta ao dólar.

Renda fixa: Fim do ciclo de alta da Selic torna a renda fixa atraente e o fechamento recente da ponta curta deixou o segmento longo com mais prêmio, especialmente nos papéis indexados à inflação.

Ações: Apesar da volatilidade com o anúncio das tarifas, avaliamos que o efeito sobre a economia doméstica em termos macroeconômico é limitado e, portanto, mantemos o alvo para o Ibovespa em 150.000 pontos ao final de 2025. Estruturas de proteção com opções de bolsa ainda estão baratas por causa dos juros altos e da queda da volatilidade.

Fundos imobiliários: Foco segue sobre os fundos de recebíveis, mas logística e shopping centers devem se beneficiar com o fim do ciclo de alta da Selic.

Crédito: O carrego de ativos de crédito fica mais atraente e a incerteza com o IOF deve gerar um aumento de emissões de títulos isentos.

Dólar: A conclusão das negociações pelo governo dos EUA com os principais parceiros comerciais reduz a incerteza do cenário global e o corte de juros pelo Fed melhora as perspectivas dos ativos americanos, fortalecendo o dólar. O real deve depreciar para R$ 5,80 por dólar ao fim de 2025.

Ações EUA: Os mercados tendem a antecipar os próximos 6 a 12 meses, um horizonte no qual se espera uma agenda favorável nos EUA — com estímulos à infraestrutura, incentivos fiscais, desregulamentação e cortes de juros.

Renda fixa EUA: No cenário base, com o Fed cortando juros, as taxas de 10 anos devem oscilar na faixa de 4,00% a 4,50% ao ano.

IMPORTANTE: A Monte Bravo Corretora de Valores Mobiliários S.A. ("Monte Bravo") é uma instituição financeira autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil. Esta mensagem e eventuais anexos podem conter informações confidenciais destinadas a indivíduo e propósito específico, sendo protegidos por lei. Caso você não seja o destinatário ou pessoa autorizada a recebê-la, por favor, avise imediatamente o remetente e, em seguida, apague o e-mail. É terminantemente proibida a utilização, cópia ou divulgação não autorizada das informações presentes neste e-mail. As informações nele contidas e em seus eventuais anexos são de responsabilidade do seu autor, não representando necessariamente ideias, opiniões, pensamentos ou qualquer forma de posicionamento por parte da Monte Bravo. Por fim, é imprescindível que o destinatário verifique este e-mail e todos os anexos em busca de possíveis vírus. A empresa/remetente não assume responsabilidade por quaisquer danos decorrentes da transmissão de vírus através deste e-mail.

Por: **Alexandre Mathias** - Estrategista Chefe, **Bruno Benassi** - Analista de Ativos e **Luciano Costa** – Economista Chefe

Copom mantém Selic em 15,00% a.a. e indica que juros ficarão estáveis por período bastante prolongado

O Comitê de Política Monetária do Banco Central manteve a taxa Selic em 15,00% ao ano, com votação unânime. No Comunicado, o Copom justificou a decisão da seguinte forma:

Ambiente externo: mostra-se mais adverso e incerto em função da conjuntura e da política econômica nos EUA — principalmente acerca de sua política comercial e seus efeitos. O comportamento e a volatilidade de diferentes ativos têm sido afetados, exigindo particular cautela por parte de países emergentes em ambiente marcado por tensão geopolítica.

Atividade e mercado de trabalho: atividade ainda tem apresentado moderação no crescimento, conforme esperado, embora o mercado de trabalho ainda mostre dinamismo.

Inflação e medidas subjacentes: mantiveram-se acima da meta para a inflação.

Expectativas de inflação: Dados para 2025 e 2026 apuradas pela pesquisa Focus permanecem em valores acima da meta, situando-se em 5,1% e 4,4%, respectivamente.

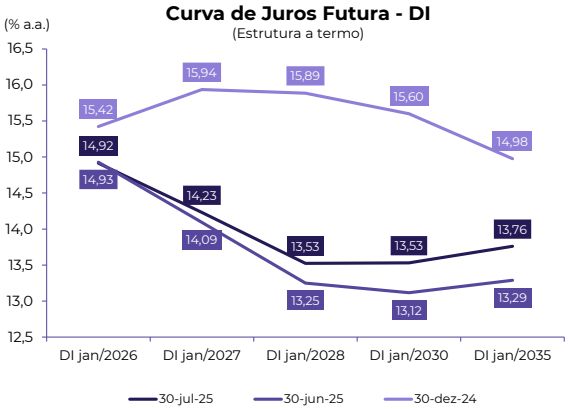
Projeção de inflação: para o primeiro trimestre de 2027, atual horizonte relevante de política monetária, a projeção foi mantida em 3,4% no cenário de referência.

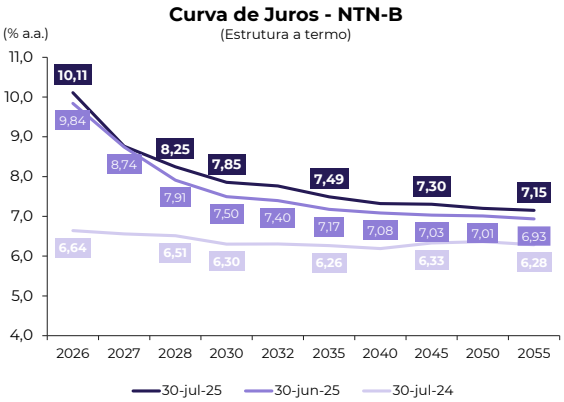
Os fatores de risco seguem mais elevados do que o usual. Entre os riscos de alta para o cenário inflacionário e as expectativas de inflação, destacam-se: (i) uma desancoragem das expectativas de inflação; (ii) uma maior resiliência na inflação de serviços do que a projetada em função de um hiato do produto mais positivo; e (iii) uma conjunção de políticas econômicas externa e interna que tenham impacto inflacionário maior que o esperado. Entre os riscos de baixa, ressaltam-se: (i) uma eventual desaceleração mais acentuada da atividade econômica doméstica; (ii) uma desaceleração global mais pronunciada decorrente do choque de comércio; e (iii) uma redução nos preços das commodities com efeitos desinflacionários.

Tarifas: o Comitê tem acompanhando com atenção os anúncios referentes à imposição pelos EUA de tarifas comerciais, reforçando a postura de cautela em cenário de maior incerteza.

Decisão de manter a Selic em 15,0% a.a.: O cenário segue marcado por expectativas desancoradas, projeções de inflação elevadas, atividade econômica resiliente e mercado de trabalho aquecido. Esse ambiente exige uma política monetária em patamar contracionista por período bastante prolongado. A decisão é compatível com a estratégia de convergência da inflação ao redor da meta ao longo do horizonte relevante.

Próximos passos: O cenário atual, marcado por elevada incerteza, exige cautela na condução da política monetária. Confirmando o cenário esperado, o Comitê antecipa uma continuação na interrupção no ciclo de alta de juros para examinar os impactos acumulados do ajuste já realizado.





O que isso implica para os investimentos

O Copom manteve a taxa Selic em 15,00% ao ano e sinalizou que, caso o cenário projetado se confirme, deverá manter a interrupção do ciclo de alta para avaliar com mais clareza os efeitos sobre a economia.

O Comitê segue adotando uma estratégia de comunicação que antecipa os próximos passos da política monetária — como já havia feito ao indicar, na reunião passada, a manutenção da taxa na decisão atual.

A decisão de não incluir os impactos das tarifas diretamente no balanço de riscos permitiu ao Copom evitar, por ora, uma avaliação sobre os efeitos potenciais na inflação e no crescimento. Em vez disso, o Comitê preferiu destacar a necessidade de cautela diante de um ambiente com maior incerteza.

A mensagem principal segue sendo a de uma política monetária contracionista mantida por um período prolongado — afastando a possibilidade de cortes de juros no curto prazo.

Esperamos melhora nas projeções de inflação para o horizonte relevante — atualmente o primeiro trimestre de 2027 — reforçando o processo de convergência da inflação para a meta. Isso deverá ocorrer em um contexto em que a taxa de juros real (Selic menos IPCA projetado 12 meses à frente) subirá nos próximos meses. **A expectativa é que esse movimento continue até o fim de 2025, permitindo que, no início de 2026, as projeções indiquem inflação abaixo do centro da meta com a Selic mantida em 15,00% ao ano.**

Diante desse cenário, **avaliamos que o Banco Central deverá iniciar o ciclo de cortes a partir da reunião de janeiro de 2026, com a taxa Selic recuando para 11,00% até dezembro de 2026.**

O CDI projetado de 14,00% para os próximos 12 meses resulta em uma taxa de juros real de 8,7% ante um IPCA de 4,9%. Nesse contexto, a recomendação segue de um portfólio com perfil diversificado, com uma parcela relevante exposta ao dólar.

Renda fixa: Fim do ciclo de alta da Selic torna a renda fixa atraente e o fechamento recente da ponta curta deixou o segmento longo com mais prêmio, especialmente nos papéis indexados à inflação.

Ações: Apesar da volatilidade com o anúncio das tarifas, avaliamos que o efeito sobre a economia doméstica em termos macroeconômico é limitado e, portanto, mantemos o alvo para o Ibovespa em 150.000 pontos ao final de 2025. Estruturas de proteção com opções de bolsa ainda estão baratas por causa dos juros altos e da queda da volatilidade.

Fundos imobiliários: Foco segue sobre os fundos de recebíveis, mas logística e shopping centers devem se beneficiar com o fim do ciclo de alta da Selic.

Crédito: O carrego de ativos de crédito fica mais atraente e a incerteza com o IOF deve gerar um aumento de emissões de títulos isentos.

Dólar: A conclusão das negociações pelo governo dos EUA com os principais parceiros comerciais reduz a incerteza do cenário global e o corte de juros pelo Fed melhora as perspectivas dos ativos americanos, fortalecendo o dólar. O real deve depreciar para R$ 5,80 por dólar ao fim de 2025.

Ações EUA: Os mercados tendem a antecipar os próximos 6 a 12 meses, um horizonte no qual se espera uma agenda favorável nos EUA — com estímulos à infraestrutura, incentivos fiscais, desregulamentação e cortes de juros.

Renda fixa EUA: No cenário base, com o Fed cortando juros, as taxas de 10 anos devem oscilar na faixa de 4,00% a 4,50% ao ano.

IMPORTANTE: A Monte Bravo Corretora de Valores Mobiliários S.A. ("Monte Bravo") é uma instituição financeira autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil. Esta mensagem e eventuais anexos podem conter informações confidenciais destinadas a indivíduo e propósito específico, sendo protegidos por lei. Caso você não seja o destinatário ou pessoa autorizada a recebê-la, por favor, avise imediatamente o remetente e, em seguida, apague o e-mail. É terminantemente proibida a utilização, cópia ou divulgação não autorizada das informações presentes neste e-mail. As informações nele contidas e em seus eventuais anexos são de responsabilidade do seu autor, não representando necessariamente ideias, opiniões, pensamentos ou qualquer forma de posicionamento por parte da Monte Bravo. Por fim, é imprescindível que o destinatário verifique este e-mail e todos os anexos em busca de possíveis vírus. A empresa/remetente não assume responsabilidade por quaisquer danos decorrentes da transmissão de vírus através deste e-mail.